



Editorial

O quarto número de 2022 da Cadernos de Gênero e Diversidade está no ar. Nessa edição, publicamos nove artigos originais e uma entrevista. Este é mais um número produzido somente com artigos livres que chegam com certa frequência para a CGD. Essa frequência reflete uma busca crescente de pesquisadoras e pesquisadores por nossa revista, que tem se consolidado como um importante veículo de divulgação de trabalhos no campo de estudos de gênero e sexualidades no Brasil.

O artigo de Elaine Borges Sousa e Angela Figueiredo analisa a construção de identidades e autoafirmação de mulheres negras sapatonas a partir de suas experiências no bairro de Pernambués, localizado na periferia de Salvador. A construção de autoestima também aparece no trabalho de Vanessa dos Santos da Conceição e Maria Salete de Souza Nery sobre pessoas com deficiências. Analisando o projeto de resistência #pcdsnacapa, as autoras percebem a agência de pessoas na busca por representatividade e mudança na imagem social e autoimagem e o lugar que a roupa desempenha nesse processo como instrumento não apenas de expressão de si, mas também de reconstrução de si.

Gênero, sexualidade e educação foram abordados em três diferentes artigos desse número. O artigo de Lucimar da Luz Leite e Eliane Rose Maio aborda as compreensões de acadêmicas/o, de uma universidade pública localizada em Campo Mourão, PR, sobre temáticas relacionadas ao gênero e à sexualidade, no sentido de compreender a influência da religião nesse meio. O trabalho de Dyeniffer Jessica Bezerra Parisoto e Aparecida Favoreto analisa a partir da compreensão de estudantes, como a desigualdade de gênero e a cultura machista são discutidas e vivenciadas no ambiente escolar. Já o trabalho de Marllon Caceres Gonçalves e Josiane Peres Gonçalves refletir sobre as questões que permeiam a homossexualidade masculina e a presença de professores gays no espaço escolar, destacando como são suas vivências neste local.

A relação entre gênero e saúde aparece em dois trabalhos desse número. O trabalho de Alberto Filho analisa o universo dos grupos de homens ou grupos masculinos terapêuticos os quais têm se constituído como uma nova “casa dos homens” em que a condição masculina tem sido discutida à luz de perspectivas psicologizantes ou espiritualistas. Greta Sasso, Jéssica Machado Teles e Letícia Becker Vieira analisam as repercussões biopsicossociais do aborto no contexto da clandestinidade



na vida e saúde das mulheres por meio de uma revisão narrativa bases de dados LILACS, BDNF, MEDLINE/PubMED e SciELO, utilizando um recorte temporal de cinco anos.

Questões relacionadas ao universo trans aparecem em dois artigos desse número. No artigo de Erick da Cunha Coelho Zickwolff e Bernardo Lazary Cheibub é analisado, sob a ótica do conceito de “comodificação do consumidor”, de Zygmunt Bauman, a utilização de línguas estrangeiras como ferramenta de marketing na prestação de serviços sexuais por travestis brasileiras, na busca pela atração de turistas internacionais na cidade do Rio de Janeiro, através do exame de anúncios em sítios de internet. Já no artigo de Késia Maria Maximiano de Melo focaliza em seu artigo o modo pelo qual as pessoas trans têm se apropriado de espaços online de interação a fim de fomentar debates políticos, e tecer redes de solidariedade e sociabilidade.

Ainda na trilha do debate entre saúde e gênero, Jéssica Tupinambá, Nathalie Pavelic e Rutian Pataxó conversam sobre saúde das mulheres indígenas na Bahia com Patrícia Pankararé, vice-presidente do Conselho Estadual dos Direitos dos Povos Indígenas do Estado da Bahia (COPIBA) e co-coordenadora do Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia ((MUPOIBA).

A equipe editorial agradece imensamente a autora Marina Fernandez, fotógrafa e mestranda de antropologia da UFBA, responsável pela fotografia que ilustra a capa desse número. A fotografia é o resultado da imersão da autora na cena *queer* de Salvador da qual ela participa desde os 15 anos. A fotografias que ela tirou retratam esses espaços, como o Bar da Pri, que antes acontecia na Casa Charriot e, recentemente, foi para o Santo Antônio Além do Carmo. O Bar da Pri é um espaço para shows de *drag queens*, música e jogos. De acordo com Marina, o processo de fotografia foi muito prazeroso e de intimidade, porque além dela se sentir em casa e à vontade, todas as pessoas fotografadas também se sentiam assim.

Boa leitura a todas/os/es!

Thiago Barcelos SOLIVA

Patrícia Rosalba Salvador Moura COSTA

Felipe Bruno Martins FERNANDES